

**Vida literária e homoerotismo no  
Rio de Janeiro de 1890**

**Literary life and homoeroticism in 1890's  
Rio de Janeiro**

LEONARDO MENDES\*

RESUMO: O OBJETIVO DESSE ESTUDO É INVESTIGAR A PRESENÇA DO HOMOEROTISMO NA VIDA LITERÁRIA DO RIO DE JANEIRO NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO XIX. SUPONDO QUE O HOMOEROTISMO DA FICÇÃO DO PERÍODO JÁ TENHA SIDO BEM ESTUDADO, NOSSO INTERESSE É ENCONTRAR INDÍCIOS DE UMA SOCIABILIDADE ENTRE OS JOVENS ESCRITORES REPUBLICANOS, INCLUINDO SUJEITOS QUE AMAVAM PESSOAS DO MESMO SEXO. ISSO SUGERE QUE O HOMOEROTISMO ERA UM DADO CONCRETO DA EXISTÊNCIA COTIDIANA DESSES JOVENS ARTISTAS.

ABSTRACT: THIS STUDY AIMS AT INVESTIGATING THE PRESENCE OF HOMOEROTICISM IN THE LITERARY LIFE OF RIO DE JANEIRO IN THE LAST DECADE OF THE NINETEENTH CENTURY. ASSUMING THAT THE HOMOEROTICISM FOUND IN THE FICTION OF THE PERIOD HAS ALREADY BEEN WELL STUDIED, OUR INTEREST IS TO FIND EVIDENCE OF A SOCIABILITY AMONG THE YOUNG REPUBLICAN WRITERS, INCLUDING SUBJECTS WHO LOVED PEOPLE OF THE SAME SEX. THIS SUGGESTS THAT HOMOEROTICISM WAS A CONCRETE FACT OF THE EVERYDAY LIFE OF THESE YOUNG ARTISTS.

PALAVRAS-CHAVE: VIDA LITERÁRIA, OLAVO BILAC, REPÚBLICA, HOMOEROTISMO.

KEYWORDS: LITERARY LIFE, OLAVO BILAC, REPUBLIC, HOMOEROTICISM.

---

\* Doutor em Teoria Literária pela Universidade do Texas (EUA) e Professor de Literaturas de Língua Inglesa e Teoria Literária do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

U

## I

Um aspecto marcante da vida literária no Rio de Janeiro do final do século XIX foi o aparecimento de uma geração de jovens artistas boêmios com presença até então desconhecida na cidade. Enquanto na França, no começo do século, os artistas boêmios foram adeptos da estética romântica (Seigel, 1992; Wilson, 2000), no Brasil, a experiência foi protagonizada pela geração dos escritores naturalistas e parnasianos, no final do século (Oliveira, 2008; Pereira, 1994). “Depois de 1875”, escreve Brito Broca, “é que começa a vida dos cafés e das confeitarias, oferecendo, por assim dizer, uma estrutura ecológica para o desenvolvimento da boemia” (Broca, 1962b, p. 28). Aluísio Azevedo (1857-1913), Henrique Coelho Neto (1864-1834), Olavo Bilac (1865-1918), Sebastião Guimarães Passos (1867-1909), Francisco de Paula Nei (1858-1897) e João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864-1894) formavam um grupo mais ou menos coeso de escritores abolicionistas e republicanos que emulava um *ethos* (romântico) de rebeldia associada à vida boêmia de Paris e ao imaginário de *Cenas da vida boêmia* (1845), de Henri Murger (1822-1861): cabelos compridos, roupas extravagantes, hábitos noturnos, disponibilidade para o sexo, consumo imoderado de álcool, mudanças constantes de endereço e uma compreensão moderna do sentido provisório da existência que era uma novidade no país.

Os escritores haviam nascido nas décadas de 1850/60, cresceram nos anos de crise do sistema monárquico e contavam com vinte e poucos anos por ocasião da abolição (1888) e da república (1889). Com exceção do gaúcho Pardal Mallet (de uma família de militares ricos e influentes), eram todos de famílias remediadas da capital e especialmente das províncias. Bilac, o único carioca do grupo, era filho de um médico. Em 1886 ele rompe com o pai e passa a dividir quartos com outros escritores no centro da cidade (Jorge, 1991). O pai de Coelho Neto veio com a família do Maranhão para o Rio de Janeiro em 1880, onde abre uma pequena loja de móveis que fracassa. Enquanto estudava, o jovem contava com uma mesada da mãe, mas quando enfim aderiu à boemia, passou a contar só com sua capacidade de trabalho (Coelho Neto, s.d.). O pai de Aluísio era um pequeno comerciante que se tornou vice-cônsul de Portugal em São Luís em 1859, mas esse não era um posto em que se pudesse fazer fortuna. Quando chegou ao Rio em 1876,

aos dezenove anos, Aluísio tinha a proteção do irmão Artur (1855-1908), que viera antes com os mesmos sonhos de fazer carreira artística na Corte. Mesmo assim, ele precisava trabalhar porque a família não tinha recursos para mantê-lo ocioso na capital (Mérián, 1988). Paula Nei era filho de um alfaiate de Fortaleza e Guimarães Passos de um tabelião público de Maceió. Ambos vieram para o Rio de Janeiro antes de completar vinte anos, trazendo pouco dinheiro e muita audácia (Menezes, 1944; Trotta, 1967).

Desde 1880, especialmente no Rio de Janeiro, configurava-se uma experiência de modernidade desordenada que mudava as regras do jogo e ampliava o “espaço dos possíveis” (Bourdieu, 1996) da atividade literária. O trabalho da escrita na capital era instável e pagava pouco, mas tinha a vantagem de configurar um espaço de sociabilidade fora da sociedade convencional, onde os artistas podiam colocar sob suspeição os valores hegemônicos, dando-lhes uma capacidade de relativização e flexibilização moral que era uma novidade no Brasil (Mendes, 2008). Essa liberalidade provinha das condições objetivas da crise do sistema monárquico, do declínio de seus aparelhos ideológicos e produtos culturais (Alonso, 2002; Mello, 2007), do crescimento das cidades, da imprensa (Martins & De Luca, 2011), e do público leitor (El Far, 2004; 2010), além da existência boêmia, cuja precariedade material aproximava os escritores dos excluídos, com quem mantinham uma relação ambígua (Mendes, 2010). Em 1890 a cidade abrigava meio milhão de habitantes, seis livrarias e oito teatros (Renault, 1987). O fim da escravidão legal e a deposição do imperador contavam com a adesão da maior parte da população, sugerindo que havia uma “desafeição” ao regime imperial, maior do que a afeição da população ao monarca (Mello, 2007, p. 10). Foi um período de instabilidade jurídica e monetária, de sedições intralite (como a Revolta da Armada em 1893), estados de sítio na capital, repressão à imprensa e aos intelectuais, e até atentados, como a tentativa de assassinato de Pedro II em julho de 1889 e de Prudente de Morais (1841-1902) em novembro de 1897.

Não é por coincidência que vemos aparecer naqueles anos turbulentos, no naturalismo literário, personagens como a prostituta Leonie e o lavadeiro Albino de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e notoriamente o marinheiro negro de *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897), da mesma geração, republicano e abolicionista – autor do primeiro romance (cientes do anacronismo) de literatura gay *made in Brazil* (Bezerra, 2007; Foster, 1991). De

fato, a estética naturalista marcou a “emergência de uma prosa homotextual” entre nós (Lopes, 2002, p. 126), desde o aparecimento em 1885 do romance do médico Ferreira Leal, *Um homem gasto*, que naquele ano foi sucesso de vendas na cidade sob a rubrica “romance para homens” (El Far, 2004, p. 251). Em *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia (1863-1895), a tensão sexual entre os rapazes no internato era incontornável. Alguns anos depois, o médico José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913) lamentou a visibilidade de sujeitos indisfarçavelmente gays no Rio, caminhando “de frente erguida à luz do sol e ao sombrio da noite” (Almeida, 1906, p. 77). Nessa mesma época os sujeitos gays também apareceram no trabalho do jurista Viveiros de Castro (1862-1907), que denunciou, alarmado, “o grande desenvolvimento” da “pederastia” entre nós (Castro, 1943, p. 220). Essa nova bibliografia médico-ficcional brasileira (tratava-se mesmo de embaralhar as fronteiras entre ciência e ficção) era um reconhecimento da presença na sociedade, para o bem e para o mal, de sujeitos que amavam pessoas do mesmo sexo.

Nosso objetivo é investigar a presença do homoerotismo na vida literária da capital nas últimas décadas do século XIX. Supondo que o homoerotismo da ficção do período, notadamente no romance naturalista, já tenha sido bem estudado, nosso interesse é encontrar indícios de uma sociabilidade que incluía sujeitos que amavam pessoas do mesmo sexo. O escritor boêmio compartilhava com os homens gays os mesmos espaços da cidade: as casas de cômodos, as portas e os porões dos teatros, o Campo de Santana, os cafés, os restaurantes, os bilhares e os cabarés no entorno do Largo do Rossio, hoje Praça Tiradentes (Green, 2000; Soares, 1992). Tais indícios sugerem que o homoerotismo era um dado concreto da existência desses jovens artistas, para além de suas estéticas de eleição. Daremos atenção especial a Olavo Bilac, o único escritor do grupo sobre quem se lançou a suspeita de que fosse gay.<sup>1</sup> Usaremos como fonte os livros de memória, as biografias, os estudos e as narrativas historiográficas que aparecem na bibliografia, e dois romances pouco conhecidos que têm como foco de interesse a vida literária na cidade na década de 1890: *Fogo fátuo* (1929), último romance de Coelho Neto, e *A mulata* (1896), romance naturalista-decadentista do escritor português Carlos Malheiro Dias (1875-1941).

---

1 João do Rio (1881-1921) era de outra geração e só aparece na cena literária em 1899.

## II

Avesso aos excessos da vida boêmia, Medeiros e Albuquerque (1867-1934), escritor contemporâneo e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (1897), confidenciou que muitos estranhavam que ninguém tivesse conhecido uma amante de Bilac. “O seu comportamento com mulheres deixou uma grande dúvida sobre sua capacidade masculina” (Medeiros e Albuquerque, 1981, p. 313), escreve o acadêmico, que rememora incursões a prostíbulos de Paris em companhia do poeta, sem que ele jamais se tivesse deixado levar por uma das moças. A escassez de mulheres era especialmente estranha na vida de um homem como Bilac, ídolo de uma legião de fãs do sexo feminino que muito teriam de se gabar, pensa Medeiros e Albuquerque, se pudessem ser a musa de um poeta de projeção como ele. O médico e escritor paulista Antônio de Almeida Prado (1889-1965) também estranhou que Bilac, “sempre muito requestado”, tivesse passado “toda a existência afastado da sedução feminina”, como atesta sua lírica “mais cerebral do que sensorial” (Prado, 1956, p. 51). “Todos aqueles [amores] de que se gabou em verso seriam só criações poéticas? Houve muito quem o suspeitasse...” (p. 312), escreve Medeiros e Albuquerque.

Para dissipar suspeitas, os biógrafos Elmo Elton (1954) e Fernando Jorge (1992) alegam que o poeta havia encontrado na jovem Amélia de Oliveira (1868-1945) sua musa definitiva. Bilac a pediu em casamento em novembro de 1887. Amélia era irmã do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (1857-1937), amigo de Bilac desde os tempos da Faculdade de Medicina, que ambos abandonaram. A família Oliveira incentivava a cultura literária entre os filhos. José Mariano, conhecido como Juca, fora amigo de Fagundes Varela (1841-1875). Além de Alberto, também Amélia, Juca e Bernardo escreviam versos. As reuniões literárias na chácara da família em Niterói, no bairro da Engenhoca, fizeram fama no final da década de 1880. Não seria exagero dizer que os pais de Amélia mantinham um dos mais importantes salões literários da Corte, frequentado pelos boêmios Paula Nei, Pardal Mallet, Guimarães Passos, os irmãos Artur e Aluísio Azevedo, o jovem Raul Pompeia, os poetas Raimundo Correia (1859-1911) e Luiz Murat (1861-1929), além de jornalistas de destaque como José do Patrocínio (1853-1905), diretor do jornal abolicionista *Cidade do Rio*, e Valentim Magalhães (1859-1903), que dirigia a prestigiosa revista *A Semana*.

A qualidade da lista de frequentadores da chácara da Engenhoca era testemunho da proximidade da família Oliveira com a nata da comunidade literária da capital, e especialmente com jovens escritores em ascensão, como Bilac. As reuniões serviam como espaço de pré-difusão dos trabalhos dos artistas, que encontravam ali um primeiro público. Amélia participava das reuniões e interagiu com os escritores. A família aprovou a aproximação quando ela e Bilac criaram um vínculo mais forte. O noivado, entretanto, não chegou a se concretizar por razões obscuras. Até mesmo a irmã de Bilac, Cora Guimarães Bilac, com quem ele morou no fim da vida, alegava desconhecer as razões do fim do noivado. Jorge e Elton sustentam que o rompimento foi imposição de Juca. Ao assumir o comando da família por ocasião da morte do pai (que era favorável ao enlace), em dezembro de 1887, Juca julgou a vida boêmia do poeta, sem renda e endereço fixos, um impedimento para a oficialização do compromisso. Bilac teria ainda insistido por algumas semanas, mas acabou proibido de voltar a ver Amélia, aparentemente com o apoio de toda a família, incluindo a própria e Alberto (Elton, 1954).

A vida boêmia assustava muita gente (Seigel, 1992; Wilson, 2000). Na Paris de Murger, onde era sempre inverno, os artistas compartilhavam os espaços da cidade com os agiotas e as prostitutas, com os quais muitas vezes eram confundidos. Marx (1978) associava a boemia ao submundo, à criminalidade e ao ócio. No Rio de Janeiro de 1880, a fronteira tênue que separava a boemia da criminalidade aterrorizava o pai de Bilac, que temia ver o filho terminando seus dias na forca, como um bandido (Campos, 1927). O poeta Amadeu Amaral (1875-1929) escreve que Bilac “foi um dos boêmios mais completos que a vida de jornal, de literatura, de botequim e de cabotinagem” já engendrou no Brasil (Amaral, 1976, p. 72). “Diabo-Coxo” foi um dos pseudônimos do início da carreira do escritor (Pontes, s.d., p. 107). Ele dormia tarde todas as noites, não saía de casa antes do meio dia, entrava na redação do jornal às 13h, mas às 16h já podia ser visto na Confeitaria Castelões, na rua do Ouvidor, tomando um drinque com os amigos (Passos, 1893). Nessa época Bilac já reclamava de problemas no fígado (Menezes, 1944). O envelhecimento precoce de seu coração, rim e fígado foi uma das conseqüências das jornadas etílicas da juventude até os trinta e cinco anos, quando começou a beber menos. O pai do poeta nunca compreendeu a atração do filho pela vida boêmia e morreu sem que tivesse restabelecido boas relações com ele (Jorge, 1992; Magalhães Junior, 1974; Pontes, 1944).

Mas surpreende, pensa Brito Broca (1962a), que a família Oliveira assumisse o posicionamento conservador que associava a boemia ao fora-da-lei, sendo próxima dos boêmios, a quem recebia na própria casa com entusiasmo, com destaque para o escandaloso e bêbado Paula Nei (Menezes, 1944). Os escritores vinham a convite de Alberto e Bernardo, ambos autores com poemas publicados nos jornais da Corte. Incentivada pelos irmãos, até mesmo Amélia já havia publicado um soneto na *Gazeta de Notícias*, audácia que desagradou a Bilac (Magalhães Júnior, 1974). Era de se esperar que essas pessoas percebessem os excessos dos artistas boêmios como gestos simbólicos de libertação, e não como crime. De fato, Bilac foi bem recebido nas tertúlias dos Oliveira, que ele ajudou a abrihantiar. Se era verdade que bebia bem nas confeitarias da rua do Ouvidor, na Engenhoca, Bilac não tocava em álcool (Elton, 1954). Teria havido, portanto, “razões mais fortes” do que a boemia, desconfia Brito Broca (1962a, p. 73), que levassem a família a se deixar convencer de que ele não servia para noivo de Amélia. A fragilidade das explicações alimentou a boataria sobre a sexualidade de Bilac.

O livro de Elmo Elton, intitulado defensivamente *O noivado de Bilac* (1954), é a mais eloquente defesa da heterossexualidade do poeta. A obra é uma resposta às “muitas pessoas [que] têm querido descobrir, na vida de Bilac, a presença de várias mulheres” (Elton, 1954, p. 68). A biografia entretém a narrativa idealizada do poeta romântico que passou a vida esterilizado pelo fracasso de seu primeiro amor e traz as cartas do poeta para Amélia nos anos 1887 e 1888, até então inéditas, mas finalmente liberadas pela família com o intuito de contradizer a “pena de escritores apressados” que “deturpavam a verdadeira história amorosa de Bilac” (Elton, 1954, p. 7). São cartas de amor eloquentes e sinceras, mas sem intimidade. Talvez Bilac soubesse que as cartas não chegariam às mãos da destinatária sem leitura prévia e por isso o tom convencional das declarações de afeto, com as reclamações de praxe contra a falta de notícias e as promessas de amor eterno. A farsa do noivado curto com a jovem Maria Selika da Costa (que não levou a sério as manifestações de afeto de Bilac), no mês seguinte ao rompimento com Amélia (Elton, 1954), não contribuiu para esclarecer aos fãs onde estava o coração do poeta.

Por boatos e suspeitas, em companhia de João do Rio e Mário de Andrade (1893-1945), Bilac compõe um grupo de escritores brasileiros cujos encontros sexuais com outros homens permaneceram cercados de mistério (Green,

2000). Estudos recentes vêm desvendando partes dos mistérios, mas aparentemente as evidências se resumem a boatos, charges e anedotas, que talvez bastem para prová-lo. Em depoimento citado por João Silvério Trevisan, Paschoal Carlos Magno (1906-1980) alegou que na sua época e sem muito segredo, Bilac era conhecido como “o maior pederasta do Brasil” (Trevisan, 2002, p. 256). Para James Green, tanto Bilac quanto João do Rio caberiam no estereótipo do “fresco fútil, elegante e afetado”, descrito por Viveiros de Castro e Pires de Almeida, e de grande impacto no imaginário popular até 1920 (Green, 2000, p. 104). O historiador reproduz uma charge publicada na revista satírica *O gato* em 1911, na qual Bilac e João do Rio aparecem examinando uma estátua de um imperador romano. Enquanto Bilac, por trás, toca uma das nádegas da estátua, João do Rio, na frente, abaixa o olhar para a área genital. Bilac exclama: “Soberbo, heim!”, ao que João do Rio arremata: “Que delicioso se todos os homens fossem assim!”. Não sabemos qual era o grau de penetração da revista, mas ainda que apenas a elite intelectual a lesse, a mensagem era clara. Na terminologia da época, Bilac aparecia como um “pederasta ativo”, enquanto João do Rio era um “pederasta passivo” (Green, 2000, p. 101).

De fato, a fama de gay ativo de Bilac chegou a ser cantada em verso por Emílio de Menezes (1866-1918), de quem o poeta era amigo e por cuja candidatura à Academia Brasileira de Letras batalhou, em 1914. Em epitáfios obscenos dedicados a Bilac, “deixados sobre as mesas das confeitarias”, escreve Magalhães Junior (1974, p. 345), Emílio de Menezes insinuava:

Ao ver o Bilac inerte  
Na cova, tão jururu  
Foi logo gritando um verme:  
“Defuntos, tapai o cu!”

Magalhães Junior acha que Bilac tinha conhecimento desses “gracejos” e ria-se deles (1974, p. 345).

## III

Se Olavo Bilac era mesmo gay, nada se percebe nos romances autobiográficos de Coelho Neto: *A conquista* (1899) e *Fogo fátuo*. As obras são fontes importantes da vida literária na capital e informam grande parte do que dizem as biografias citadas neste trabalho. Nelas, Bilac aparece como o poeta parnasiano Otávio Bivar. Histórias de jovens escritores, as narrativas são recheadas das aventuras sexuais de Rui Vaz (Aluísio Azevedo), Anselmo Ribas (Coelho Neto), Paulo Neiva (Paula Nei), Fortúnio (Guimarães Passos) e Pardal (Pardal Mallet), com prostitutas e atrizes de teatro, mas nenhuma de Otávio. Coelho Neto, entretanto, não se detém nessa excepcionalidade; ao contrário, ele só tem elogios a fazer a todos os amigos da roda boêmia, que aparecem cultos e divertidos na ficção, em conversas ocasionalmente melancólicas nas confeitarias e salas compartilhadas, mas sempre confiantes de seu talento e valor. Os escritores boêmios cariocas foram amigos por toda a vida e moraram juntos em várias ocasiões, entre 1887 e 1894, ano da morte de Pardal Mallet, que marca o fim do grupo.

Em *Fogo fátuo*, a certa altura, Otávio Bivar e Anselmo Ribas aparecem compartilhando a sala da frente de um sobrado na rua Riachuelo. Quando Bivar parte para Paris como correspondente do *Cidade do Rio*, Anselmo muda-se para uma casa de cômodos na rua do Lavradio. Espaço do encontro e da diversidade, a habitação coletiva punha o escritor em contato com variada fauna urbana. Entre estudantes, trabalhadores humildes, professores, cartomantes e poetas, habitava ali um jovem gay com ares de dândi:

Um tipo misterioso – alto, ruivo, sempre metido consigo, que passava os dias trancado, comendo de fora e, à noite, com grande ostentação de roupas, saía exalando perfume, às vezes com um rapazola muito encalamistrado que o procurava (Coelho Neto, 1929, p. 246).

Muitos hóspedes sabiam do estilo de vida do rapaz e o deploravam, mas não Anselmo e nem Calango, o servente que limpava os aposentos do casarão, para quem o jovem era um “homem fino, de muita educação e asseado que faz[ia] gosto”. Calango conhecia seu guarda-roupa, que era digno de “um príncipe”. Possuía muitos chapéus, bengalas, pares de sapato e gravatas. Não economiza-

va e dava as melhores gorjetas. Quanto ao quarto, “lá dentro aquilo até parece uma barbearia, tantos são os vidros de cheiro e pomadas e sabonetes, escovas e ferros com cabo de prata. É um nunca acabar de coisas que a gente nem sabe para que servem”. E resume: “Um fidalgo!” (Coelho Neto, 1929, p. 247). Coelho Neto suspende o julgamento e contempla o jovem gay como uma expressão legítima da diversidade do Rio de Janeiro de 1890, ressaltando-lhe as qualidades, mas ele não é Otávio Bivar. Em *Fogo fátuo* o jovem gay é um “tipo misterioso” que não frequenta o quarto de Anselmo.

Bilac aparece com o próprio nome no obscuro romance de Carlos Malheiro Dias, *A mulata*. O narrador confessa que aprecia sua poesia, mas o despreza como um “vagabundo” que joga conversa fora nas confeitarias. Certa ocasião, o protagonista Edmundo, jovem escritor gaúcho em busca de reconhecimento na capital, avista o poeta num café da rua do Ouvidor, com seu “eterno ar sarcástico, o seu rolar de olhos estrábicos e encolher de ombros quando se lhe falava em arte” (Dias, 1975, p. 66). Aos olhos do melancólico Edmundo, os escritores boêmios não passavam de “uma garotada de assobio que malandra[va] às portas do Londres e Café do Rio, cobiçosa, imprestável, sempre de dentes à mostra”. O resultado era “uma literatura decadente numa terra ainda sem literatura, um chinesismo na prosa, na poesia a alma esquecida pelo termo difícil, uma arte de ignorantes que têm horror aos clássicos” (Dias, 1975, p. 65). No romance, a vida literária tem como cenário uma cidade fétida. As praças do Rio cheiram mal e são habitadas por mendigos famintos que disputam restos de comida com os ratos. Alarmado com a decadência estética e moral da capital da jovem república, o narrador denuncia que na rua São José havia “duas casas de pederastia” e que no Largo do Rossio o código para a abordagem era “acender três fósforos” (Dias, 1975, p. 198).

Nesse contexto de desilusão decadente, o homoerotismo aparece no romance como alternativa para o entediado Emílio de Alcântara, amigo de Edmundo, “ex-federalista e ex-capitalista”, que andara nas guerrilhas do Rio Grande, tudo vira e experimentara (Dias, 1975, p. 268), e assim explica suas desilusões com o sexo oposto:

Achei o que me faltava!... Tu, que gostas do antigo, vê-me agora um Horácio que ainda há de escrever odes... Tenho o meu Ligurino! - Oh! Emílio! Mas ele entusiasmava-se. Era a única beleza, o efebo, de carnes tenras como as de um

Apolo, peito branco e macio como o das virgens impúberes, olhos azuis como águas do golfo de Salamina... Ao menos ali não havia mentira, não existia a porcaria escondida sob a folha de parreira do amor... (Dias, 1975, p. 317).

A teoria reedita a figura andrógina do efebo como estratégia de articulação do desejo homoerótico (Cohen, 1987), que vemos em romances tão díspares do período como *Bom-Crioulo* e *O retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde (1854-1900). A referência erudita a Horácio e às odes que compôs ao jovem Ligurino não convence Edmundo. Emílio insiste e lembra outros precedentes ilustres, alguns narrados no capítulo “Os pederastas”, no livro contemporâneo de Viveiros de Castro: Alexandre, o Grande, ostentando seus amantes nas campanhas da Ásia; Heliogábalo, imperador romano, “oferecendo o corpo aos machos fortes” (Dias, 1975, p. 318). Lembrou Oscar Wilde e o rei da Baviera, Ludwig II (1845-1886). Por fim, moderno, argumenta que “tudo depende do ponto de vista” e que “a lei universal é a relatividade”. “Acho mais digna a sociedade numa inversão sexual, que ao menos não destrói o caráter”, argumenta Emílio, “ao esquecimento a que os homens são às vezes levados nos braços de uma mulher que se vende ao primeiro que paga bem” (Dias, 1975, p. 318).

Tal defesa misógina e aristocrática do amor entre dois homens é reforçada pela referência ao romance português *O Barão de Lavos* (1891), do escritor Abel Botelho (1856-1917), que Emílio encontra por acaso e começa a ler na redação do jornal *Contemporâneo*. História de um amor fatal entre dois homens, com cenas de sexo oral e penetração anal relatadas por um narrador ambíguo, o romance *O Barão de Lavos*, que também se apoia na mitologia do efebo, teve grande circulação na década de 1890 (Lugarinho, 2001). O romance de Abel Botelho dá a Emílio uma narrativa de iniciação ao desejo homoerótico e compartilha com *A mulata* o olhar naturalista que vê a cidade moderna como um labirinto de crimes e vícios. Emílio tenta adquirir um exemplar do romance português, mas não os havia em nenhuma livraria da cidade, nem mesmo na Garnier: “Não encontro; decididamente não há livrarias nesta terra, ninguém lê... E baixando a voz: - A pederastia morre à falta de incentivos! E é pena...”. Depois do jantar, Emílio “foi embora cedo, inquieto, lembrando-lhe uma livraria talvez ainda aberta onde pudesse comprar *O Barão de Lavos*” (Dias, 1975, p. 332). O protagonista Edmundo, escritor fracassado, morre logo depois, aos vinte e um anos, e o romance acaba sem que Emílio compre o livro.

## IV

Narrada por Leôncio Correia (1865-1950), a anedota do copeiro gay de Aluísio Azevedo e Coelho Neto confirma a presença do homoerotismo no cotidiano dos jovens artistas na primeira década republicana. O memorialista alega que em 1890 os dois escritores dividiam um sobrado na rua Conde D’Eu, no centro do Rio. Era uma habitação modesta, onde refeições sóbrias eram servidas em louça grosseira. Mas havia ali também um copeiro, um mulato de dezenove anos chamado Salomé. “Vestido de mulher”, escreve Correia, Salomé cantava e dançava em torno da mesa, “agitando um reles galho de piaçava ou de samambaia à guisa de um ramo de rosas” (Correia, 1955, p. 103). No relato, a casa dos escritores aparece como um local de acolhimento de sujeitos marginalizados, e notadamente, aqui, de sexualidades marginalizadas. Talvez o sobrado de Aluísio Azevedo e Coelho Neto fosse um dos poucos lugares da cidade em que Salomé pudesse dar livre expressão à sua personalidade.

Tal ambiente de liberalidade relativa não implicava, é certo, a aceitação do amor gay como um modo de vida válido. No corajoso panfleto que escreveu a favor do divórcio em 1894, Pardal Mallet, ao se referir aos *mignons* de Henrique III (1551-1589), na França, julga os homens afeminados uma “aberração” (Mallet, 1894, p. 34). Antimonarquista radical, Pardal queria desaprovar a afetação, o escândalo e o despeito da realeza ociosa, mas estava feita a restrição ao amor entre pessoas do mesmo sexo. Nos romances autobiográficos de Coelho Neto, Otávio Bivar precisava ser discreto. Em *O cortiço*, embora o lavadeiro Albino fosse um membro integrado à comunidade, ele aparece na narrativa como um rapaz doente, melancólico e solitário. Bom-Crioulo tinha estatura de herói no romance de Adolfo Caminha, mas o narrador chama de “vício” seu amor pelo grumete Aleixo (Mendes, 2000). Em *A mulata*, as elucubrações e leituras anticonvencionais de Emílio se dão sob o olhar crítico do protagonista Edmundo, que só tinha olhos para a prostituta Honorina, a mulata do título.

Entretanto, em que pesem o ambiente hostil e a necessidade da discrição, a década de 1890 marca o aparecimento e a circulação no Brasil de um acervo de obras ficcionais e científicas, em língua portuguesa, nas quais um sujeito gay podia se reconhecer. Não custa apontar fobias e estratégias de controle e higienização em algumas dessas obras, mas até mesmo o livro moralista de Vi-

veiros de Castro, em que o capítulo sobre os “pederastas” antecede o capítulo dos assassinos, trazia um manancial de histórias sobre imperadores, escritores, artistas, reis e até papas que amaram pessoas do mesmo sexo. As obras citavam umas às outras (Viveiros de Castro cita favoravelmente *O cortiço* e *Bom-Crioulo*, e Malheiro Dias cita *O Barão de Lavos*), formando uma rede de obras, autores e referências próprias de um imaginário gay do século XIX, que incluía a pederastia dos antigos, a mitologia do efebo, a inversão sexual e o dandismo, assim como escritores contemporâneos como Oscar Wilde, que em meados da década já aparecia como uma referência de destaque, ao menos entre os homens de letras.

A vida literária no Rio de Janeiro em 1890 colocava os artistas em contato não só com homens gays e com o estilo de vida gay, nos sobrados, nas ruas, nas confeitarias e nas casas de cômodos, mas também com uma nova bibliografia sobre esses sujeitos, que em parte os jovens escritores republicanos (como Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha) ajudaram a escrever. A percepção de que havia um mercado para esses livros era crucial para a iniciativa de editores como Domingos de Magalhães (que publicou *Bom-Crioulo*) e Pedro Quaresma (editor de *A mulata*), recém-chegados à cena editorial da cidade e dispostos a arriscar capital na publicação das obras dos escritores novos (El Far, 2004). E mesmo que no Rio, como vemos em *A mulata*, a livraria Garnier não tivesse um exemplar de *O Barão de Lavos* para vender, havia a alternativa das bibliotecas das redações dos periódicos, como as “quatro estantes carregadas de livros” do jornal *Contemporâneo* (Dias, 1975, p. 319), onde os escritores poderiam encontrar esta e outras surpresas.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*: estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.
- ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AMARAL, Amadeu. Olavo Bilac. In: \_\_\_\_\_. *O elogio da mediocridade*. São Paulo: Hucitec, 1976, p. 65-88.
- BEZERRA, Carlos Eduardo. *Bom-Crioulo: um romance de literatura gay made in Brazil*. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vol. 1, n. 1, jul/dez 2007, p. 193-210.

- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BROCA, Brito. O noivado de Bilac. In: \_\_\_\_\_. *Pontos de referência*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1962a, p. 69-73.
- \_\_\_\_\_. Paula Nei e o mito da boemia. In: \_\_\_\_\_. *Pontos de referência*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1962b, p. 27-31.
- CAMPOS, Humberto de. *O Brasil anedótico*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1927.
- CASTRO, Francisco José Viveiros de. *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1943.
- COELHO NETO, Henrique. *Fogo fátuo*. Porto: Livraria Chardron, 1929.
- COELHO NETO, Paulo. *Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Del Zenero & Garone, s.d.
- COHEN, Ed. *Writing gone Wilde: Homoerotic desire in the closet of representation*. PMLA, Modern Language Association, n. 102, 1987, p. 87-101.
- CORREIA, Leôncio. *A boêmia do meu tempo*. Curitiba: Edição do Estado do Paraná, 1955.
- DIAS, Carlos Malheiro. *A mulata*. Lisboa: Arcádia, 1975.
- EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 89-99.
- \_\_\_\_\_. *Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- FOSTER, David William. *Adolfo Caminha's Bom-Crioulo: a Founding Text of Brazilian Gay Literature*. In: \_\_\_\_\_. *Gay and Lesbian Themes in Latin American Fiction*. Austin: University of Texas Press, 1991, p. 9-22.
- GREEN, James. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1992.
- LOPES, Denilson. Uma história brasileira. In: \_\_\_\_\_. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p. 121-164.
- LUGARINHO, Mario César. Direito à história ou o silêncio de uma geração: Uma leitura de O Barão de Lavos, de Abel Botelho. In: JORGE, Silvio Renato & ALVES, Ida Maria Ferreira (org.). *A palavra silenciada: estudos de literatura portuguesa e africana*. Niterói: Vício de Leitura, 2001, p. 161-167.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.
- MALLET, João Carlos de Medeiros Pardal. *Pelo divórcio*. Rio de Janeiro: Fauchon e Cia., Livreiros-Editores, 1894.
- MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tania Regina (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

- MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 323-404.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim da Costa de. *Quando eu era vivo*. Memórias de 1867 a 1934. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- MENDES, Leonardo. Lavadeiros, padeiros e marinheiros: romance brasileiro, boemia e homoerotismo na crise do sistema monárquico. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Universidade Estadual de Londrina, vol. 18, out. 2010, p. 6-15.
- \_\_\_\_\_. *O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- \_\_\_\_\_. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil (1880-1890). *Letras & Letras*, Universidade Federal de Uberlândia, v. 24, n. 2 (jul/dez), 2008, 189-207.
- MENEZES, Raimundo. *A vida boêmia de Paula Nei*. São Paulo: Livraria Martins, 1944.
- MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo. *Vida e obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- PASSOS, Sebastião Guimarães. *Olavo Bilac. O álbum, n. 13*. Rio de Janeiro, março de 1893, p. 97-98.
- PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. Literatura e história social: a geração boêmia no Rio de Janeiro do fim do Império. *História Social*, Universidade Federal Fluminense, v. 1, n. 1, 1994, p. 29-64.
- PONTES, Eloy. Olavo Bilac. *Bom Humor*. Rio de Janeiro: Editora Casa Mandarino, s.d.
- \_\_\_\_\_. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- PRADO, Antônio de Almeida. O poema que Bilac não escreveu. In: \_\_\_\_\_. *Páginas avulsas: coletânea de conferências, discursos e escritos vários*. São Paulo: Ed. Anhembi, 1956, p. 49-58.
- SEIGEL, Jerrold. *Paris boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa 1830-1930*. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- SOARES, Luís Carlos. *Rameiras, ilboas, polacas*. A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Ática, 1992.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- TROTTA, Laudímia. *O poeta boêmio Guimarães Passos*. Rio de Janeiro: Editora Souza Marques, 1967.
- WILSON, Elizabeth. *Bohemians: the glamorous outcasts*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2000.

